

Sem queixa na rede privada

LUIZ ROBERTO MAGALHÃES

DA EQUIPE DO CORREIO

Valdivina Gonçalves Ribeiro, 56, funcionária pública aposentada e moradora do P Sul, freqüentou sessões de hemodiálise no HRT por mais de sete anos e lembra como a situação por lá era precária. “A gente saía da máquina só o *bagaço*”, diz. “Os médicos e as enfermeiras eram ótimos, faziam tudo o que podiam, mas não tinham condições de trabalhar. As máquinas eram ruins, o local tinha pouco espaço e não era bem ventilado”.

Com a interdição da área de hemodiálise do HRT, Valdivina e vários outros pacientes foram encaminhados para o Instituto de Doenças Renais (IDR), um centro de tratamento particular, que funciona no Hospital de Samambaia. Sem condições de oferecer tratamento adequado, o Sistema Único de Saúde (SUS) arca com as despesas do tratamento em clínicas privadas.

“Depois que eu vim para cá nunca mais tive que me internar. No HRT, eu me internava várias vezes por ano porque as máquinas eram ruins”, comemora Valdivina, que faz três sessões de hemodiálise por semana no IDR, cada uma com duração aproximada de quatro horas. O Instituto de Doenças Renais de Samambaia tem 20 máquinas modernas, que funcionam em três turnos, de segunda a sábado. Os pacientes ocupam 18 máquinas. As outras duas são reservadas para emergências.

Sem reclamação

O pedreiro aposentado Adão Eugênio, 48 anos, que mora na Ceilândia Sul, faz hemodiálise há oito meses. Ele não chegou a freqüentar o HRT. Depois de passar por uma clínica particular na Asa Sul, optou pelo IDR de Samambaia e está satisfeito com o tratamento. “Sou muito bem tratado e até hoje nunca vi ninguém reclamar de nada aqui”, explicou.

Para quem tem insuficiência renal crônica, os rins não funcionam na filtragem do sangue e na eliminação do excesso de água do organismo. As máquinas de hemodiálise fazem esse papel, mas se um paciente perder uma sessão as complicações podem ser grandes, com risco de morte.